

O PROCESSO DE INCUBAÇÃO DE EMPRESAS PARA O FOMENTO DO EMPREENDEDORISMO EM ANGOLA: NA VISÃO DOS INCUBADOS

MANUEL CONCEIÇÃO DA SILVA MENDES

mendes.sieta@gmail.com

Doutor em Gestão pela Universidade Agostinho Neto, Mestre em Gestão, Empreendedorismo e Inovação (2016) e Mestre em Engenharia Geográfica – Sistemas de Informação Geográfica (2020). É Professor Auxiliar da Academia Naval da Marinha de Guerra Angolana (Angola), onde exerce também funções de Diretor do Centro de Investigação Naval e docente em programas de graduação e pós-graduação no Instituto Superior Politécnico Lusíada de Benguela. As suas áreas de investigação incluem gestão, empreendedorismo, inovação, sistemas de informação geográfica e metodologia de investigação científica. Autor da obra literária Empreendedorismo e Inovação: A transformação do Contexto Económico em Angola e de publicações de trabalhos em revistas científicas e conferências nacionais e internacionais.

Resumo

O tema desta investigação é justificado pela relevância do empreendedorismo e do processo de Incubação de empresas para o desenvolvimento e sustentabilidade de novos empreendimentos. O objetivo geral consiste em analisar a contribuição do processo de Incubação de empresas para o fomento do empreendedorismo em Angola, através da capacitação dos empreendedores, por meio de ações de formação, conhecimentos e competências. Formulou-se a seguinte questão: Como pode o processo de Incubação de empresas contribuir para o fomento do empreendedorismo em Angola? A investigação adotou uma abordagem quantitativa, descritivo-explicativa e de natureza hipotético-dedutiva, aplicando um questionário estruturado a 64 empreendedores incubados em incubadoras públicas de 11 províncias. Os dados, recolhidos online com consentimento informado e garantia de anonimato, foram tratados com recurso ao Excel, SPSS e Python 3.8.6, permitindo análises estatísticas descritivas e cruzamentos de variáveis. Os resultados mostraram que o processo de incubação é um fator relevante para o fortalecimento do empreendedorismo, sobretudo entre jovens licenciados, mas limitado pelo fraco acesso a financiamento e pela insuficiente transferência de conhecimentos estratégicos. A revisão de literatura foi atualizada com contributos recentes (menos de cinco anos), reforçando a pertinência académica e prática desta investigação e situando-a no debate contemporâneo sobre incubação em economias emergentes.

Palavras-chave

Empreendedorismo, Incubadora de empresa, Incubação.

Abstract

The theme of this research is justified by the relevance of entrepreneurship and the business incubation process for the development and sustainability of new ventures. The overall objective is to analyze the contribution of the business incubation process to fostering entrepreneurship in Angola through the empowerment of entrepreneurs by means of training, knowledge, and skills. The following question was formulated: How can the business incubation process contribute to promoting entrepreneurship in Angola? The research adopted a quantitative, descriptive-explanatory, and hypothetico-deductive approach, applying a structured questionnaire to 64 entrepreneurs incubated in public incubators across 11 provinces. Data were collected online with informed consent and anonymity ensured, and analyzed using Excel, SPSS, and Python 3.8.6, allowing for descriptive statistics and cross-variable analysis. The results showed that the incubation process is a relevant factor in strengthening entrepreneurship, particularly among young graduates, although limited by



restricted access to financing and insufficient transfer of strategic management knowledge. The literature review was updated with recent contributions (last five years), reinforcing the academic and practical relevance of this investigation and situating it within the current debate on incubation in emerging economies.

Keywords

Entrepreneurship, Business Incubator, Incubation.

Como citar este artigo

Mendes, Manuel Conceição Da Silva (2025). O Processo de Incubação de Empresas para o Fomento do Empreendedorismo em Angola: Na Visão dos Incubados. *Janus.net, e-journal of international relations*. VOL. 16, Nº. 2, novembro 2025-abril 2026, pp. 346-363. DOI <https://doi.org/10.26619/1647-7251.16.2.19>

Artigo submetido em 11 de março de 2025 e aceite para publicação em 10 de setembro de 2025.





O PROCESSO DE INCUBAÇÃO DE EMPRESAS PARA O FOMENTO DO EMPREENDEDORISMO EM ANGOLA: NA VISÃO DOS INCUBADOS

MANUEL CONCEIÇÃO DA SILVA MENDES

Introdução

O empreendedorismo é um tema marcado por uma diversidade de conceitos de diferentes autores. É importante entender que não se trata de uma arte ou ciência, mas de uma atividade comercial que pode ser ensinada e aprendida. Em todo o mundo, a relevância do empreendedorismo para o fomento das economias é amplamente estudada, tanto em países desenvolvidos quanto em desenvolvimento.

Em Angola, o espírito empreendedor é intrínseco à população. A atividade empreendedora cresceu especialmente durante o período de instabilidade política e social, quando muitos cidadãos a adotaram como meio de subsistência. Atualmente, o Estado angolano tem dado atenção redobrada ao processo empreendedor, promovendo políticas e programas que incentivam o empreendedorismo por oportunidade. Isso não apenas gera riqueza, mas também favorece a diversificação dos setores da economia, contribuindo para o crescimento do país.

O governo angolano tem criado políticas e programas para apoiar a atividade empreendedora, mas a mortalidade de empresas e o insucesso dos empreendedores permanecem altos. Muitos empresários operam sem formação ou conhecimento adequado, o que os deixa despreparados para o mercado. O aumento de novas empresas que rapidamente falham demonstra que muitos empreendedores não conseguem elaborar um plano de negócios devido à falta de competências de gestão, redes de contatos e recursos financeiros. Essa realidade evidencia a necessidade de mentoria para orientar e apoiar os novos negócios no caminho certo.

A incubadora de empresas é um espaço com infraestrutura e serviços de apoio dedicados à criação de micro, pequenas e médias empresas em diversas áreas. Assim como as incubadoras para recém-nascidos, elas garantem condições para a sobrevivência de projetos empresariais em fase vulnerável. No entanto, o empreendedorismo não resolve todos os problemas de um país. Em Angola, o Executivo busca provocar mudanças estruturais tanto nos negócios quanto na sociedade.

Para além das referências clássicas sobre empreendedorismo e incubação (Schumpeter, 1934; Drucker, 1974; McClelland, 1972; Kirzner, 1983), esta investigação foi atualizada com contributos recentes (menos de cinco anos), que reforçam a sua pertinência científica. Estudos internacionais e africanos (Correia, Marques & Silva, 2024; Rosado-



Cuberoa et al., 2024; Ibwe & Mwantimwa, 2025; Parish et al., 2023; Motlhaudi, 2025) oferecem novas perspetivas sobre incubação, redes de apoio e impactos diferenciados em contextos emergentes.

Atualmente, os maiores estudos sobre dinâmicas empreendedoras são realizados pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM), criado em 1999 pelo Babson College e pela London Business School. O GEM avalia anualmente a atividade empreendedora, aspirações e dificuldades em vários países. Angola participou do GEM pela oitava vez em 2020/2021, após edições anteriores em 2008, 2010, 2012, 2013, 2014, 2016/2017 e 2018/2019. Diante dos imperativos de diversificação do Executivo, esta pesquisa aborda o tema: *O Processo de Incubação de Empresas para o Fomento do Empreendedorismo em Angola: Na Visão dos Incubados*¹, questionando como pode o processo de Incubação de empresas contribuir para o fomento do empreendedorismo em Angola?

Objectivos

Esta investigação procura compreender o processo de Incubação de empresas para fomentar o empreendedorismo em Angola, formulando e comprovando proposição.

Em Angola, apesar do crescente reconhecimento do empreendedorismo como motor do desenvolvimento económico, a literatura sobre incubadoras de empresas é escassa e pouco sistematizada. Esta lacuna justifica a presente investigação, que se propôs analisar como o processo de Incubação de Empresas contribui para o fomento do empreendedorismo, com base em um estudo realizado entre 2012 e 2018. O estudo gera conhecimento original para a academia, subsidia políticas públicas mais eficazes e oferece recomendações práticas para melhorar a atuação das incubadoras no apoio à micro e pequenas empresas.

E tem como objetivos específicos: (1) Caracterizar o perfil sociodemográfico e académico dos incubados; (2) Identificar os serviços e conhecimentos transferidos pelas incubadoras; (3) Avaliar as principais dificuldades enfrentadas pelos incubados; (4) Examinar os contributos das incubadoras para o desenvolvimento dos negócios; (5) Discutir as implicações do processo de incubação para a prática, a teoria e as políticas públicas.

Marco Teórico Conceptual

A Evolução Histórica do Empreendedorismo

O termo "empreendedorismo" deriva do francês "entre" e "prende", referindo-se à interação entre fornecedor e consumidor no mercado (Sarkar, 2014).

O conceito de empreendedorismo evoluiu desde Cantillon (1755), que destacou o risco, Adam Smith (1776), descreveu os empreendedores como entidades que transformam a demanda em oferta (Sarkar, 2014), J. B. Say (1803) popularizou a ideia que os

¹ O autor expressa os seus agradecimentos aos dois revisores anónimos da primeira versão deste trabalho, cujos comentários muito contribuíram para a melhoria do mesmo.



empreendedores são agentes de transformação do crescimento econômico e John S. Mill (1848), realçou o papel do empreendedor na criação de novos produtos.

Já Alfred Marshall enfatizou que a função do empreendedor é garantir o fornecimento de produtos, Carl Menger definiu o empreendedor como aquele que cria oportunidades, Max Weber, por sua vez, investigou a função do empreendedor no crescimento individual e Frank H. Knight (1921) associou o conceito de "risco" a "incerteza" marcando uma nova fase nos estudos sobre o empreendedorismo.

A evolução do conceito ao longo dos séculos mostra a crescente importância do empreendedorismo como motor do desenvolvimento econômico e social. A ideia de que os empreendedores desempenham um papel crucial na inovação e na criação de novos mercados é amplamente reconhecida hoje. No entanto, o empreendedorismo não é apenas sobre riscos e inovações; também envolve a capacidade de identificar oportunidades e a habilidade de mobilizar recursos de forma eficaz.

Com o tempo, o empreendedorismo evoluiu para incluir não apenas a criação de negócios, mas também a promoção de mudanças sociais e a resolução de problemas comunitários. A capacitação e a formação de empreendedores têm se tornado essenciais, especialmente em contextos onde a falta de conhecimento e infraestrutura pode limitar o potencial de novos negócios.

Em resumo, a trajetória do conceito de empreendedorismo reflete a complexidade e a multifuncionalidade do papel do empreendedor na sociedade. Desde suas raízes nas teorias econômicas até suas aplicações contemporâneas, o empreendedorismo continua a ser um campo dinâmico, relevante para o desenvolvimento sustentável e a inovação em diversas áreas.

Schumpeter (1934) sobressaiu ao estudo do empreendedorismo, destacando o papel do empreendedor como motor do desenvolvimento econômico, inovador através da capacidade de criar novas combinações de recursos produtivos e serviços, nas transformações econômicas contemporâneas e um impulsionador do sistema capitalista ocidental (Godim, 2018).

Drucker (1974) reforçou que o empreendedor deve estar comprometido com a inovação, descrevendo como "ferramenta específica dos empreendedores". Ele evidenciou que o papel do empreendedorismo é garantir a eficiência dos negócios atuais no futuro, renovando e agregando valor e que o empreendedorismo não é nem ciência nem arte, mas uma prática que exige ação e adaptação.

McClelland (1972) salientou a importância da motivação no crescimento econômico de um país, identificando três fatores que influenciam a atitude do empreendedor: (1) a necessidade ou motivo de realização, que leva à busca de oportunidades; (2) a iniciativa individual, que vai além de características pessoais; e (3) a predisposição ao risco moderado, que inclui persistência e comprometimento (Franco e Gouveia, 2016).

Kirzner (1983) compilou diversas teorias sobre o papel dos empreendedores, apresentando-os como indivíduos que assumem riscos. Ele identificou várias funções dos empreendedores: inovadores, arbitadores, coordenadores e organizadores. Esses indivíduos proporcionam liderança e exercem a verdadeira vontade, atuando como



especuladores, empregadores e gestores, além de serem fontes de informação que identificam oportunidades ainda não exploradas no mercado.

A figura do empreendedor, portanto, é vista como central para a inovação e a adaptação no mercado, e essencial para a prosperidade econômica.

Em suma, as contribuições de Schumpeter, Drucker, McClelland e Kirzner destacam a complexidade do empreendedorismo, que envolve inovação, motivação e a identificação de oportunidades. Esses aspectos são cruciais para entender como os empreendedores desempenham um papel vital no desenvolvimento econômico e social, moldando o futuro dos mercados e contribuindo para o progresso da sociedade. A interação entre esses elementos forma a base do que significa ser um empreendedor em um mundo em constante mudança.

O Processo de Incubação De Empresas

Em 1989, foi criada a primeira incubadora de empresas em África, na Nigéria, pelo UNFSTD (Manuel; Simão, 2018). Nos anos 90, houve um aumento significativo de incubadoras, especialmente em países desenvolvidos, focadas em clusters industriais e tecnológicos, com ênfase na inovação e desenvolvimento de nichos de mercado (Caetano, 2012). Surgiram incubadoras setoriais, agrupando empresas de um mesmo setor (Correia, 2013).

Lumpkin e outros (1996) definem incubação como um esforço organizado para apoiar a criação e sobrevivência de novos negócios em um ambiente controlado, que oferece infraestrutura e serviços compartilhados, contrastando com a concorrência externa (Caetano, 2011). Em 1998, um novo modelo de incubação emergiu, aproveitando as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para estimular o crescimento de empresas de base tecnológica (Lalkaka, 2001; Fernandes, 2014).

Grimaldi e Grandi (2002) destacam que muitas agências de desenvolvimento econômico adotaram incubadoras para reduzir falhas e acelerar a criação de negócios. Lalkaka (2002) considera essas iniciativas parte das políticas públicas dos governos, visando revitalizar economias, melhorar o ambiente de negócios e gerar empregos (Guillen; Veras, 2018). Assim, as incubadoras se consolidaram como uma ferramenta essencial para o fomento do empreendedorismo e inovação.

Grimaldi e Grandi (2005) destacam que, após o período de incubação, os empreendimentos devem se tornar negócios independentes e auto-sustentáveis. Embora as incubadoras ofereçam serviços comuns, cada uma possui características únicas que atendem a suas comunidades, resultando em diferentes modelos de incubação. O modelo adotado influencia diretamente o processo de incubação, afetando variáveis como o nível de investimento, a qualidade da equipe de gestão e a diversidade de serviços oferecidos (Valadão, 2017).

A elaboração de um plano de negócios é uma etapa essencial, pois o sucesso da incubadora depende da viabilidade dos projetos que concebe. O empreendedor deve explorar a natureza comercial do novo negócio durante esse processo (Monteiro e Gava, 2007). Dada a alta taxa de mortalidade de empresas nos primeiros anos, a incubação é comparada as incubadoras de recém-nascidos, proporcionando um ambiente seguro para



que os projetos empresariais nascentes possam se desenvolver e sobreviver (Saraiva, 2011).

Dornelas (2002) sugere que a incubação promove a interação entre universidades e empresas, transformando conhecimento em produtos e acelerando o desenvolvimento de novos empreendimentos. Essa dinâmica é crucial para criar empresas competitivas que se mantenham em desenvolvimento contínuo após a incubação (Godim, 2018).

Em África, a incubação assemelha-se a modelos utilizados em outros continentes, com foco em incubadoras de base tecnológica. Isso facilita a conexão entre investidores e jovens empreendedores, promovendo o uso de tecnologias como programação e software (Manuel; Simão, 2018). Assim, as incubadoras se tornam um pilar fundamental para o fomento ao empreendedorismo e à inovação no continente.

Para além das referências clássicas sobre empreendedorismo e incubação, esta investigação foi atualizada com contributos recentes (menos de cinco anos), que reforçam a sua pertinência científica. Estudos como os de Correia, Marques e Silva (2024) e Rosado-Cuberoa et al. (2024) evidenciam o papel das incubadoras na dinamização de ecossistemas empreendedores, sobretudo entre os jovens. No contexto africano, trabalhos recentes em Angola (Pinto, Alves & Rolo, 2023; World Bank Group & IFC, 2023) e em outros países, como Tanzânia (Ibwe & Mwantimwa, 2025) e Camarões (Parish, Tchoumi & Nguemta, 2023), oferecem evidência empírica sobre os desafios e oportunidades da incubação. Além disso, novas propostas de enquadramento, como o Apprenteneurship Framework (Motlhaudi, 2025), apontam caminhos para fortalecer incubadoras públicas. Assim, a presente pesquisa não apenas dialoga com a tradição teórica consolidada, mas também incorpora avanços recentes que ampliam a sua relevância académica e prática.

O Empreendedorismo e a Importância do Processo de Incubação de Empresa

Em Angola, o espírito empreendedor remonta antes da independência, com a prática de comércio informal em bancadas às portas das casas e serviços como lavadeiras e jardineiros. Após a independência, a guerra civil degradou as infraestruturas e gerou instabilidade política e socioeconómica, levando muitos angolanos a buscar o empreendedorismo como solução para suas necessidades, especialmente atuando no mercado informal.

Nos últimos 16 anos, o país enfrentou duas crises económicas (2009 e 2014), que afetaram gravemente a exportação de petróleo, a principal fonte de receitas, deteriorando as condições sociais. Diante dessa situação, o Estado angolano reconheceu a urgência de diversificar a economia e implementou políticas para fomentar o empreendedorismo, o emprego e a formação profissional.

Nesse contexto, foram criadas incubadoras de empresas públicas, como a IEMP, INAPEM e CLESE, que oferecem infraestrutura técnica e administrativa, além de serviços especializados para apoiar micro, pequenas e médias empresas (MPME). Essas incubadoras visam estimular a concorrência e a inovação na economia angolana, promovendo um crescimento económico sustentável.



Atualmente, o empreendedorismo é uma prioridade nas estratégias do governo, integrando-se ao currículo educacional em vários níveis. Além disso, Angola participa do Global Entrepreneurship Monitor (GEM), que analisa atitudes e aspirações empreendedoras e identifica fatores que influenciam o empreendedorismo em diferentes países. O país é classificado como uma economia orientada por fatores de produção, inserindo-se em um contexto geográfico e de desenvolvimento específico. Assim, o governo procura consolidar o empreendedorismo como motor de desenvolvimento econômico e social.

Metodologia

A investigação adotou uma abordagem quantitativa, de caráter exploratório, descritivo-explicativa, fundamentada no método hipotético-dedutivo, adequada para descrever fenômenos, identificar relações e propor inferências teóricas. Partiu-se da identificação de uma lacuna sobre o papel da incubação de empresas no fomento do empreendedorismo em Angola, formulando-se a proposição de que esse processo constitui um fator determinante para o desenvolvimento empresarial no país.

Procedimentos

1. Pesquisa bibliográfica e documental – revisão da literatura nacional e internacional sobre empreendedorismo e incubação, além da análise de relatórios do INAPEM e do GEM Angola (2012–2018);
2. Trabalho de campo – aplicação de questionários estruturados a empreendedores incubados em incubadoras públicas;
3. Instrumento de recolha – Foram enviados por e-mail os questionários com 17 questões fechadas, divididas em variáveis sociodemográficas e organizacionais, elaborado a partir da literatura e validado por especialistas. Foi realizado um pré-teste com seis empreendedores para verificar clareza e pertinência e enviado o termo de sigilo e confidencialidade para que fosse permitido o acesso a informações mais detalhadas.

Amostra

A amostra foi aleatória simples, composta por 64 empreendedores incubados em incubadoras públicas de 11 províncias de Angola. A taxa de resposta válida foi de 81,01% (64 de 79 questionários enviados).

Tratamento e análise dos dados

Os dados foram tratados com recurso a estatística descritiva e da análise de conteúdo, utilizando o Excel, o SPSS e a linguagem de programação Python 3.8.6 para análises não paramétricas e cruzamento de variáveis.

Limitações

- Amostra restrita a incubadoras públicas;

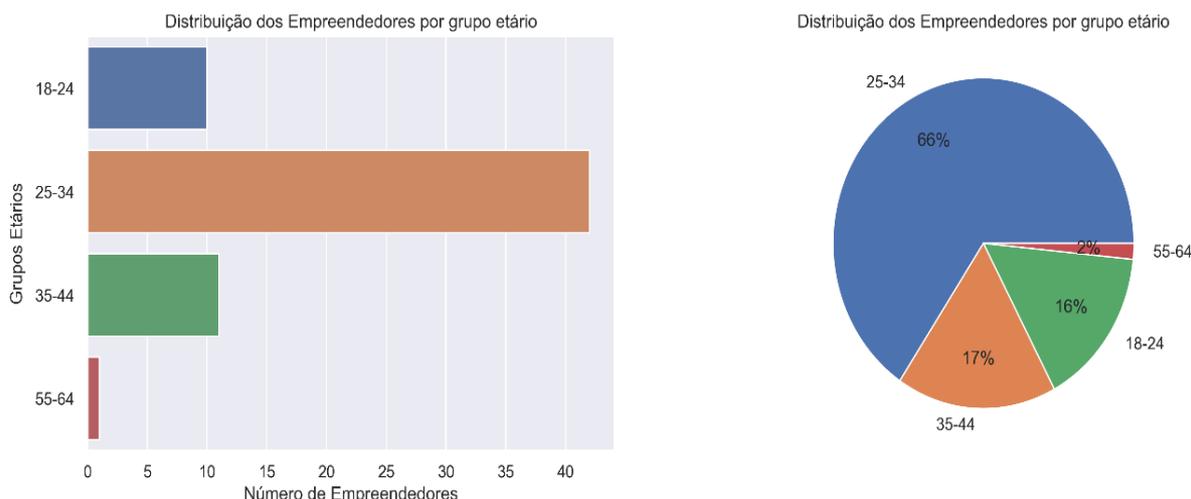


- Seleção não probabilística;
- Exclusividade de métodos quantitativos;
- Ausência de análises inferenciais avançadas.

Resultados

A atividade empreendedora na amostra apresenta maior incidência entre os 25 e 34 anos, com 42 empreendedores (66%). Seguem-se os 35 a 44 anos, com 11 empreendedores (17%), os 18 a 24 anos, com 10 (16%), e os 55 a 64 anos, com 1 (2%). Assim, 82% da amostra é composta por jovens empreendedores, evidenciando a predominância da faixa etária mais jovem no cenário empreendedor.

Figura 1. Distribuição dos empreendedores por faixa etária



Analisando a frequência da faixa etária em relação ao nível de escolaridade, 40 (63%) empreendedores têm grau de licenciatura: 28 na faixa de 25 e 34 anos; 6 de 35 a 44 anos, 4 de 18 a 24 anos e 1 de 55 a 64 anos. Apenas 4 empreendedores possuem o grau de mestre: 2 na faixa de 25 a 34 anos e 2 de 35 a 44 anos. Além disso, 11 empreendedores de 25 a 34 anos têm formação técnica média, seguidos por 6 da faixa de 18 a 24 anos e 3 da faixa de 35 a 44 anos, evidenciando a predominância de técnicos médios entre os mais jovens.

Na investigação, constatou-se que 53 empresas possuem entre 1 e 10 colaboradores, representando 83% da amostra. Apenas 11 empresas têm entre 10 e 100 colaboradores, correspondendo a 17%. Quanto à dimensão, 43 empresas são microempresas (67%) e 21 são pequenas empresas (33%), conforme ilustrado no gráfico abaixo.

A análise temporal dos inquiridos mostrou que 48% das empresas atuam entre 3 a 5 anos, 22% entre 1 a 2 anos, 20% entre 0 a 1 ano, 5% entre 6 a 10 anos, e uma percentagem semelhante para aquelas com mais de 10 anos de atividade.



Figura 2. Frequência da faixa etária por nível de escolaridade

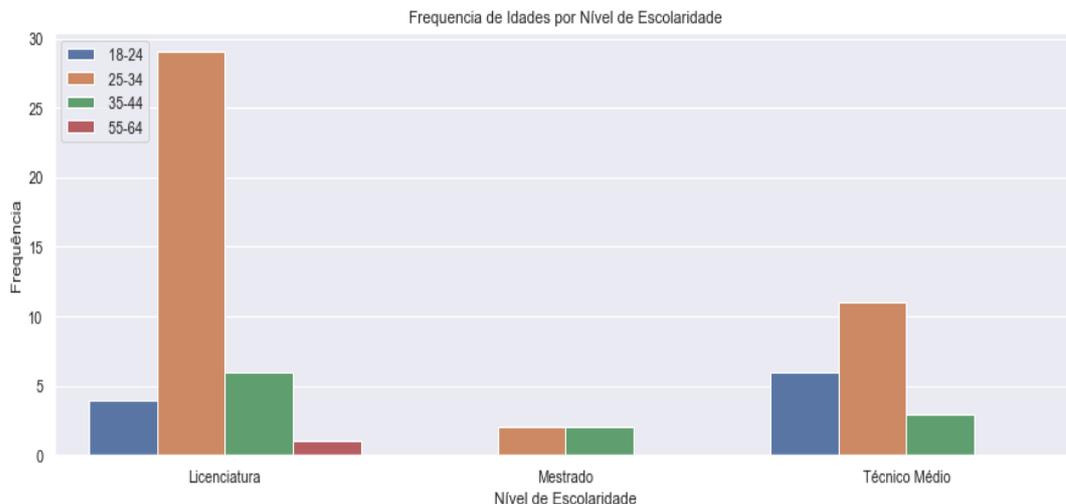


Figura 3. Taxa de frequência do Número de Colaboradores e Dimensão da empresa

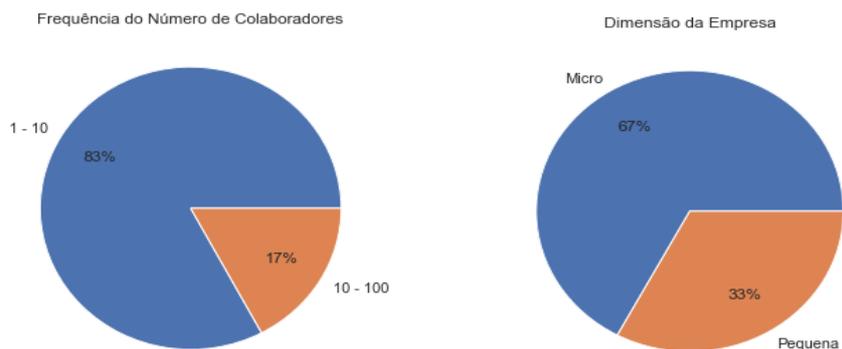
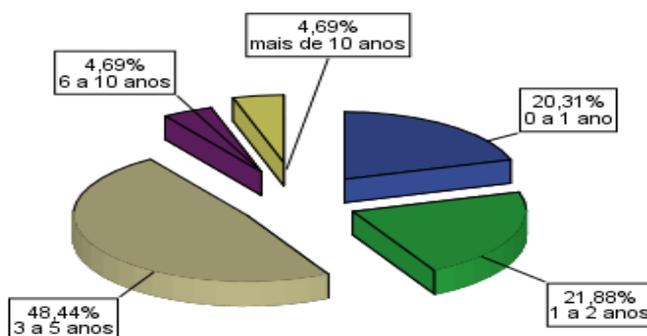


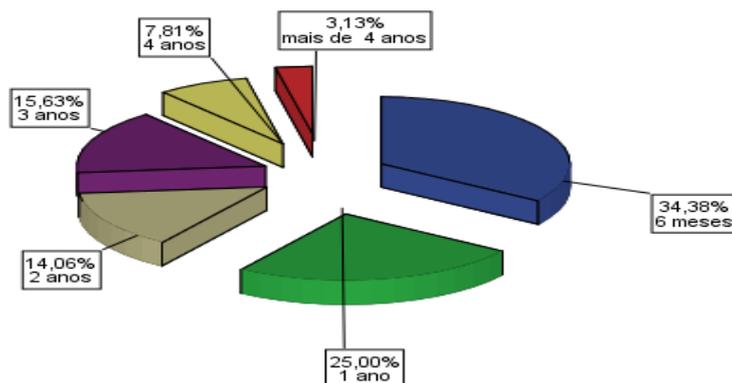
Figura 4. Tempo de actividade das empresas





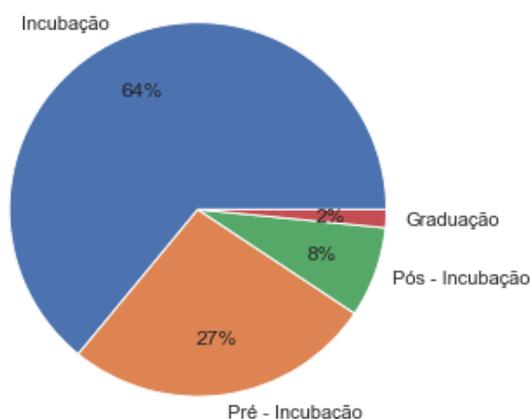
Quanto ao tempo de permanência na incubadora, 34% das empresas estão há menos de 6 meses, 25% por 1 ano, 16% por 3 anos, 14% por 2 anos, 8% por 4 anos, e 3% estão incubadas há mais de 4 anos, conforme ilustrado no gráfico abaixo.

Figura 5. Taxa de frequência das empresas por tempo de residência



O processo de incubação em Angola envolve quatro fases, conforme ilustrado no gráfico n.º 6 e de acordo com Oliveira (2009). Verificou-se que 64% das empresas estão na fase de incubação, 27% na pré-incubação, 8% na pós-graduação e 2% na fase de graduação.

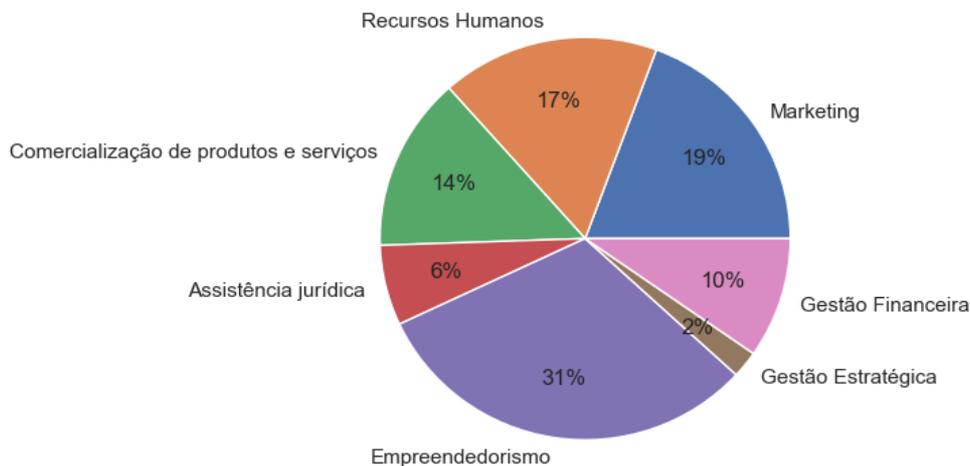
Figura 6. Taxa de frequência das empresas no processo de incubação



Sobre o tipo de conhecimento transferido entre incubadoras e empresas, o gráfico nº 7 mostra que 31% dos incubados receberam noções de empreendedorismo, 19% de marketing, 17% de gestão de recursos humanos, 14% de comercialização, 10% de gestão financeira, 6% de assistência jurídica e 2% de gestão estratégica.

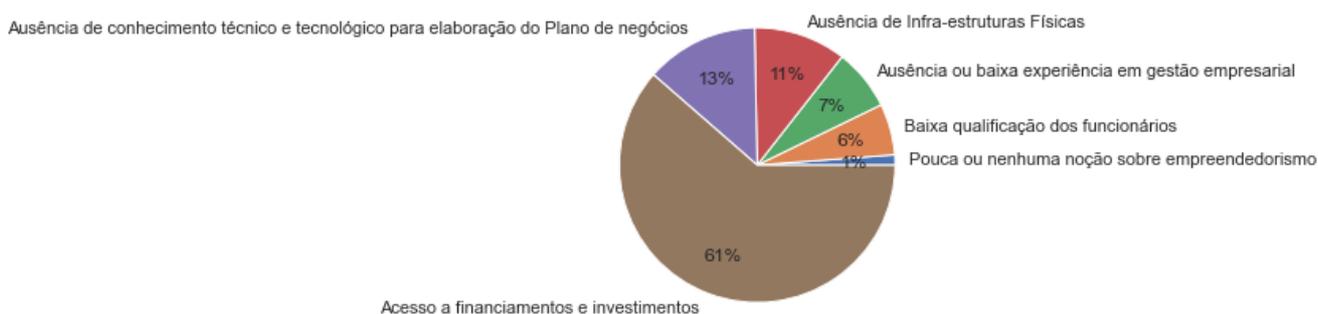


Figura 7. Tipo de conhecimento transferido pela incubadora



Conforme o gráfico nº 8, os empreendedores enfrentaram maior dificuldade no acesso a financiamentos e investimentos, com 61%. Em seguida, 13% mencionaram a falta de conhecimentos técnicos para elaborar o plano de negócios, 11% a ausência de infraestruturas, 7% a baixa experiência em gestão, 6% a baixa qualificação dos funcionários e 1% indicou pouco ou nenhum conhecimento de empreendedorismo.

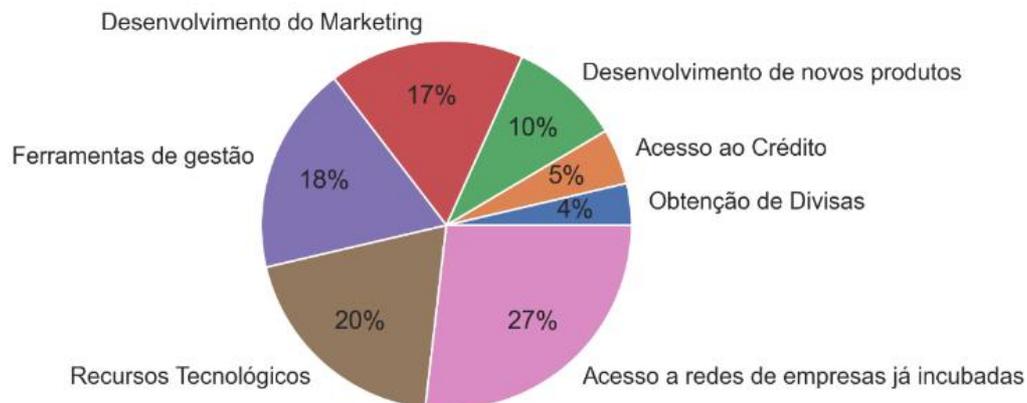
Figura 8. Principais dificuldades das empresas durante o processo de incubação



O gráfico nº 9 destaca as contribuições das incubadoras para os incubados. O maior benefício relatado pelos empreendedores foi o acesso a outras empresas incubadas, com 27% da amostra. Seguem-se os recursos tecnológicos (20%), ferramentas de gestão (18%), desenvolvimento de marketing (17%), novos produtos (10%), acesso ao crédito (5%) e 4% consideraram que o processo possibilitou



Figura 9. Contributos sentidos durante o processo de Incubação a obtenção de divisas.



Discussão

Segundo o relatório GEM Angola 2018/19, a faixa etária predominante no empreendedorismo angolano é de 25 a 34 anos, com cerca de 51% de empreendedores. Em 2020/21, houve um aumento de 15 pontos percentuais, totalizando 66%. Essa variável é crucial para o fomento do empreendedorismo, pois a amostra é maioritariamente composta por jovens, que representam a força motriz do país. Os resultados confirmam tendências do GEM (2018/19; 2020/21) quanto à predominância de jovens empreendedores.

Para analisar a frequência da faixa etária em relação ao nível de escolaridade, a investigação revela que, assim como no relatório GEM Angola 2016/17, a maior taxa de Empreendedorismo por Atividade (TEA) ocorre entre aqueles com ensino superior (licenciatura). Confirmação da relevância da formação académica no sucesso do empreendedorismo (Ferreira et al., 2010).

Para verificar a relação entre o número de colaboradores e a classificação das empresas conforme o Artigo 5º da Lei 30/11, observa-se que 83% têm entre 1 a 10 trabalhadores, sendo classificadas como microempresas. No entanto, apenas 67% estão certificadas como microempresas, revelando uma desatualização de 16% na certificação, o que viola a referida lei. Isso representa um ponto fraco para o fomento do empreendedorismo em Angola.

Em relação ao tempo de atividade das empresas, 48% das que estão em incubação em Angola têm entre 3 a 5 anos de mercado. Além disso, 20% são empresas nascentes, com até 1 ano, que aderiram às incubadoras devido a dificuldades na fase inicial. Conforme Sequeira (2013), o processo facilita a inserção de start-ups no mercado, oferecendo serviços a preços mais baixos, contribuindo simultaneamente para o desenvolvimento de uma cultura empreendedora na sociedade, como destaca Caetano (2011).

Observou-se que empresas incubadas estão há mais de 4 anos na incubadora, o que contrasta com Almeida (2014), que afirma que o processo de incubação normalmente



dura até quatro anos, e para a Sociedade Portuguesa de Inovação – SPI (2021, p. 13) o limita máximo é de 36 meses.

A maioria das empresas incubadas (64%) está na fase de incubação. Segundo Godim (2009), essa fase é crucial para orientar as empresas no desenvolvimento do plano de negócios, durante um período de dois anos, reduzindo o risco de insucesso e a mortalidade prematura.

De acordo com Lavieri (2010), citado por Pereira (2019), a disseminação da educação empreendedora e a inovação oferecem experiências enriquecedoras para empreendedores e empresas emergentes, sustentando sua presença no mercado. Esses conhecimentos aprimoram as empresas incubadas por meio da formação, contribuindo para o desenvolvimento de empreendimentos inovadores e para a formação de empreendedores autônomos, eficientes e bem-sucedidos.

As empresas que ingressam no mercado enfrentam diversas dificuldades, especialmente no acesso a financiamentos, representando 61%. As dificuldades no financiamento coincidem com estudos de Sarkar (2014) e Parish et al. (2023).

Limitações na gestão estratégica reforçam necessidade de mentoring (Motlhaudi, 2025).

Os incubados reconhecem os contributos em redes e recursos tecnológicos recebidos durante o processo de incubação, confirmam achados de Rosado-Cuberoa et al. (2024).

Conclusão

O estudo evidenciou que o processo de Incubação de empresas constitui um instrumento fundamental para o fomento do empreendedorismo em Angola, sobretudo entre os jovens, que representam mais de 80% dos incubados. A predominância de empreendedores com formação superior indica que a incubação tem potencial para transformar capital humano qualificado em negócios sustentáveis, embora ainda haja fragilidades no acesso ao financiamento e na transferência de conhecimentos de gestão estratégica.

Do ponto de vista teórico, os resultados reforçam os modelos clássicos de Schumpeter e Drucker ao confirmarem que a inovação, a formação e a gestão eficiente são determinantes para a sobrevivência das empresas. A pesquisa acrescenta evidência empírica ao debate sobre a relevância das incubadoras em economias emergentes, como Angola, onde a literatura é ainda incipiente. Assim, contribui para preencher uma lacuna académica e oferece subsídios para o avanço de estudos comparativos no contexto africano.

No plano prático, ficou patente que as incubadoras geram valor ao proporcionar redes de contacto, recursos tecnológicos e ferramentas de gestão. Contudo, a limitação no acesso a crédito e a insuficiente formação em gestão estratégica revelam a necessidade de rever e diversificar os serviços oferecidos. A prática das incubadoras deve evoluir para integrar programas de mentoring, parcerias com universidades e maior aproximação com investidores, criando um ecossistema mais robusto para os empreendedores.

Para os decisores políticos, os resultados apontam para a urgência de políticas públicas que articulem incubadoras, instituições financeiras e programas de apoio à inovação. É



necessário criar mecanismos de financiamento mais acessíveis, incentivos fiscais e linhas de crédito específicas para empresas incubadas. Além disso, recomenda-se a implementação de sistemas de certificação e acompanhamento rigoroso das incubadoras públicas, de modo a aumentar a sua eficiência e o impacto na diversificação económica do país.

Em síntese, esta investigação demonstra que as incubadoras de empresas são uma alavanca estratégica para o fortalecimento do empreendedorismo em Angola. Ao mesmo tempo, desafia académicos, gestores de incubadoras e formuladores de políticas a reconfigurarem suas abordagens, de modo a transformar a incubação não apenas em um espaço de sobrevivência de empresas, mas em um motor de inovação e desenvolvimento sustentável.

Limitações do Estudo

- A amostra restringiu-se apenas a incubados de incubadoras públicas, o que limita a generalização dos resultados.
- O enfoque exclusivo em dados quantitativos reduziu a possibilidade de compreender em profundidade as experiências subjetivas dos empreendedores.

Contributos do Estudo

- Preenche uma lacuna na literatura sobre Incubação de empresas em Angola e em economias africanas emergentes.
- Oferece evidência empírica inédita para a academia, fortalecendo o debate teórico sobre o papel das incubadoras no fomento ao empreendedorismo.
- Apresenta recomendações práticas para a melhoria da atuação das incubadoras e para a formulação de políticas públicas de apoio ao empreendedorismo.

Sugestões para futuras pesquisas

- Ampliar a amostra, incluindo incubadoras privadas;
- Complementar com métodos qualitativos;
- Aplicar análises estatísticas avançadas;
- Realizar estudos longitudinais;
- Comparar com outros contextos africanos.

Assim, a incubação deve ser entendida não apenas como espaço de sobrevivência empresarial, mas como motor de inovação e de desenvolvimento sustentável em Angola.



Referências

- ALMEIDA, M. Leonardo (2014). A importância das incubadoras de Empresas na Formação de Empresas Inovadoras: Um Estudo de Caso na Ipixel. Curso De Graduação Em Engenharia De Produção. Universidade Federal De Juiz De Fora.
- BAUMOL J. William (2009). Productive, Unproductive, and Destructive. The University of Chicago Press. The Journal of Political Economy, Vol. 98, Nº 5, part 1 (Oct., 1990), pp. 893-921.
- CAETANO A.; SANTOS C. S.; COSTA F. S. (2012). Psicologia do Empreendedor. Lisboa, Ed. Mundos Sociais.
- CAETANO, C. M. Dinis (2011). Incubadoras de Empresas e Modelos de Incubação em Portugal: Incubadoras Regionais vs. Universitárias. Dissertação de Mestrado em Economia da Inovação e Empreendedorismo apresentado na Universidade do Algarve. Faculdade de Economia. Faro
- CAMPOS, S. Graciélie (2017). A Importância da Equipe de Gestão Para o Desempenho Institucional: Um Estudo Realizado em Incubadoras de Empresas na Alemanha, Áustria e Brasil. Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento, na linha de pesquisa Gestão Empresarial. UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. IJUÍ – Brasil.
- CORREIA, M. J. Sandra (2013). Empreendedorismo Cultural: o Arquivo visto sob o objetivo de incubadora cultural/criativa. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Ciências Documentais. Universidade Da Beira Interior, Artes e Letras. Moçambique.
- Correia, R., Marques, C. S., & Silva, G. M. (2024). *Academic entrepreneurship ecosystems: Systematic literature review and future research directions*. Journal of the Knowledge Economy, 15(3), 1145–1170. doi:10.1007/s13132-024-01819-x
- FERNANDES, J. C. Ricardo (2014). Incubadora de Empresas – Construção Modular. Dissertação para obtenção de Grau de Mestre em Arquitetura. Portimão – Portugal.
- FERREIRA P. M.; SANTOS, C. J.; SERRA, R. F. (2010). Ser Empreendedor: Pensar, Criar e Moldar a nova Empresa, 2ª edição.
- FONSECA, L. M. Marcelo (2014). *Análise das Incubadoras de Empresas de Base Tecnológica como Promotora do Desenvolvimento Regional Brasileiro: Uma Abordagem Teórica*. XXII Workshop Amprotec 22 a 26 de Setembro. Belém do Pará – Brasil
- FRANCO, J. O. B.; Gouvêa, J. B. (2016). *A cronologia dos estudos sobre o empreendedorismo*. Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, v.5, n.3.
- GEM – ANGOLA (2016/2017).
- GONDIM, F. C. Dalton (2018). Suporte de Incubadoras para Empresas Assistidas no Contexto da Inovação. Monografia II apresentada ao Curso de Finanças da Faculdade de Economia, Administração, Actuária e Contabilidade (FEAAC) da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Finanças. Fortaleza – Brasil.



GRIMALDI, Rosa; GRANDI, Alessandro (2005). *Business incubators and new venture creation: an assessment of incubating models*. .

GUILLEN, I. Rebeca; VERAS, Manoel (2018). *Processo de Incubação de empresas de base tecnológica à luz da gestão de projectos: Um estudo de casos múltiplos*. R.G. Secr., ESEC, São Paulo, v. 9, n. 2, p 126-157, Mai./Ago.

IBWE, E., & MWANTIMWA, K. (2025). *Influence of ICT incubator on graduates'* Journal of Innovation, 13(1), 1–20. doi:10.5585/iji.v13i1.26939

MANUEL, Leonildo; SIMÃO, Daniela (2018). *A importância da Incubação de empresas: Benchmarking no contexto Africano*. Revista de Direito Comercial, p. 136-158.

MENDES, C. S. MANUEL (2024). *As Incubadoras de Empresas para o Fomento do Empreendedorismo em Angola*. Tese apresentada para obtenção do grau de Doutor em Gestão. Faculdade de Economia da Universidade Agostinho Neto. Luanda- Angola.

MOTLHAUDI, P. (2025). *Apprentenueurship framework: A comprehensive support guide for public business incubation*. Southern African Journal of Entrepreneurship and Small Business Management, 17(1), 1–14. doi:10.4102/sajesbm.v17i1.1000

PARISH, K., TCHOUMI, M., & NGUEMTA, C. (2023). *The impact of incubators on the success of innovative agribusinesses founded by youths in Cameroon*. ESI Preprints, 380, 1–19. doi:10.19044/esipreprints.2023.04.380

PEREIRA, O. Marlon (2019). *Proposta de Criação da Incubadora Tecnológica de Negócios de Impacto Social do Instituto Federal de Brasília, Campus São Sebastião*. Relatório Técnico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Mestre do Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação (PROFNIT) – ponto focal Universidade de Brasília - UnB. Brasil.

PINTO, F., ALVES, A., & ROLO, F. (2023). *Creating a network of incubators in Angola: Environment evaluation, structuring ideas, and first steps*. In *Business incubation and entrepreneurial ecosystems: Cases and practices from Africa* (pp. 122–145). Hershey, PA: IGI Global. doi:10.4018/978-1-6684-8150-7.ch007

ROSADO-CUBEROA, A., HERNÁNDEZ, M., BLANCO-Jiménez, F., & FREIRE-Rubio, T. (2024). *Seeding young entrepreneurs: The role of business incubators*. Journal of Innovation & Knowledge, 9(2), 145–156. doi:10.1016/j.jik.2024.100393

SARAIVA, M. P. (2011). *Empreendedorismo*, 2ª ed. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

SARKAR, S. (2014) *Empreendedorismo e Inovação*, 3ª ed. Lisboa Escolar Editora.

SEQUEIRA, S. P. André (2013). *Plano de Negócios ICAT*. Projecto de Mestrado em Gestão. Instituto Universitário de Lisboa.

Sociedade Portuguesa de Inovação – SPI (2021). *Estratégia da Incubadora de Empresas de Santa Cruz das Flores*. Santa Cruz das Flores - Portugal.

SOUSA, A. B. Marco (2019). *A Importância Das Incubadoras De Empresas Para O Desenvolvimento Do Empreendedorismo No Brasil*. Revista Gestão em Foco - Edição nº 11.



VALADÃO A. S. Rui (2017). Empreendedorismo de Base Tecnológica: O Estudo de Caso do Instituto Pedro Nunes. Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Económicas e Empresariais, com especialização em Marketing. Universidade dos Açores. Ponta Delgado – Portugal.

VERÍSSIMO, L. A. Vera (2011). Empreendedores à Força ou verdadeiros empreendedores: As razões para empreender nos concelhos de Seia e Gouveia. Tese de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo. Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e à Faculdade de Economia. Coimbra – Portugal.

World Bank Group & International Finance Corporation. (2023). *Assessment of the Angolan startup ecosystem*. Washington, DC: IFC. Retrieved from <https://www.ifc.org>